



DOI: <https://doi.org/10.26694/cadpetfilo.v15i29.5674>

O PENSAR POÉTICO EM HEIDEGGER: EXPERIÊNCIA DE PASSIVIDADE

Poetic thinking on Heidegger: experience of passivity

Eduardo Marandola Jr.¹

RESUMO

É conhecida a crítica heideggeriana à Metafísica, a qual resultou na decretação do fim da Filosofia. Para o autor, o pensamento se anuncia poeticamente, pela pena de poetas que intuíram e sentiram o que deveria ser pensado. Esta nova época do Ser, no futuro, estaria em preparação, e é para esta tarefa que seu pensamento pós-viragem se direciona, na senda confluyente da Poesia e da Filosofia. Neste artigo, retomamos um texto raro na bibliografia heideggeriana, composto em versos e aforismos, de 1947, “Da experiência do Pensar” (“*Aus der Erfahrung des Denkens*”), buscando refletir como a compreensão de experiência presente neste texto articula-se ao direcionamento para o poetar e os poetas presente em muitos dos textos heideggerianos nos anos seguintes, sugerindo que o pensamento (como poetar e filosofar) evoca uma experiência radical em relação à Metafísica: a passividade, como espera e escuta em uma topologia do ser.

Palavras-chave: Poetar; Pensamento; Linguagem; Topologia do Ser.

ABSTRACT

Heidegger's critique of metaphysics is well-known, resulting of the conception the end of philosophy. For the author, thought announces itself poetically, through the pen of poets who sensed and felt what should be thought. This new era of Being, in the future, would be in preparation, and it is towards this task that his post-turn thinking is directed, on the confluent path of Poetry and Philosophy. In this article, we revisit a rare text in the Heideggerian bibliography, composed in verse and aphorism in 1947, "On the Experience of Thinking" ("*Aus der Erfahrung des Denkens*"), seeking to reflect on how the understanding of experience present in this text is linked to the focus on poetize and poets present in many Heideggerian texts in the following years, suggesting that thought (as a to poetize and to philosophy) evokes a radical experience in relation to Metaphysics: passivity, as waiting and listening in a topology of Being.

Keywords: Poetize; Thought; Language; Topology of Being.

¹ Professor da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: ejmjr@unicamp.br.



1. O POETAR DE HEIDEGGER

Que o filósofo da floresta negra deu uma guinada à poesia a partir dos anos 1930, intensificada no período após o regime nazista, é de conhecimento bastante difundido mesmo entre aqueles que não necessariamente estão aproximados com sua obra. É bem verdade que desde “Ser e tempo” (Heidegger, 2012a) a poética (como *Dichtung*) tem uma posição de possibilidade de manifestação da verdade do *Dasein* (Nunes, 2000; Werle, 2005), mas em um sentido bem mais circunscrito e modesto em relação aos desdobramentos que esta receberá a partir dos anos 1930.

O que talvez não seja igualmente difundido seja a radicalidade de tal guinada, a qual levou Heidegger a aproximar de tal maneira a Poesia da Filosofia que ele proclama o fim da Filosofia (como Metafísica), buscando nos poetas (ao menos em um grupo seletivo deles, com privilégio ao “poeta dos poetas” eleito por ele, Hölderlin) algo mais originário e, em sua visão, necessário em sua época: o pensar. O pensar (não mais o filosofar) é aproximado do poetar (*Dichten*), ambos significando a própria tarefa do pensamento (Heidegger, 1999).

Desta radicalidade, que é comumente chamada de segundo Heidegger, ou segunda etapa, ou simplesmente Heidegger pós-viragem (*Kehre*), produziu-se uma obra que singra as trilhas da linguagem, inspirando-se no caminho do campo, na serenidade, no lavar a terra. O texto heideggeriano assume sua forma mais abismática, com passagens enigmáticas e repleto de não-ditos, de silêncios, de sugestões e de saltos. Um experimentalismo linguístico passa a caracterizar sua lavra, com a mesma intensidade crítica em relação à tradição metafísica, mas escavando ainda mais fundo nos desdobramentos do pensar o que necessita ser pensado, justamente, por não ter sido ainda pensado.

No poético da poesia Heidegger encontra tais possibilidades, tal escavação que lhe parece necessária para um duplo movimento: o do desvelamento da verdade e o de preparação do caminho para uma nova época do Ser, que não seja a da *Gestell* e do pensamento calculador. Busca o pensamento que medita, em um radical rompimento com a tradição Metafísica, desta vez não pela analítica existencial de sua ontologia fundamental,



mas na linguagem: “a linguagem é a casa do ser” (Heidegger, 2008, p. 127) implica arrancar a linguagem, junto com o Ser, do campo tradicional da Metafísica.

Benedito Nunes (1986), em “Passagem para o poético: Filosofia e Poesia em Heidegger”, é eloquente em demonstrar as articulações entre a primeira etapa do pensamento de Heidegger, pela ontologia fundamental, e a segunda etapa, voltada para o poético e a linguagem, ao mesmo tempo em que sinaliza as especificidades e as direções, como aberturas, que tal “virada” produziram. O autor paraense salienta como a operação heideggeriana é de ultrapassagem dos limites disciplinares, rompendo com perspectivas tradicionais de linguagem (Linguística), da arte (Poesia) e da própria Filosofia. Para Nunes (1986, p. 279, destaques no original), “Heidegger da segunda fase delega uma função preparatória ao novo pensamento por vir”, que se “concretiza na **passagem para o poético** pelo pensamento liberado no dizer essencial da linguagem”.

Essa passagem implica que o filosofar, como pensamento que medita, se coloca fora da Filosofia, pois este já não se limita ao campo próprio da Metafísica. Neste sentido, Heidegger busca uma poesia cuja essência seja a poética (*poiésis*), como criação, desvelamento, ou seja, uma poesia-pensamento. Como mostra em “Hinos de Hölderlin”, o poetar é um pensamento que medita, “um dizer no sentido de uma revelação indicadora” (Heidegger, 2004a, p. 37).

Ele encontra em Hölderlin e em alguns outros poetas alemães esta poesia que medita, mas não se limita a isso. Como mostra Nunes (1986), Heidegger promove um vai-e-vem entre o poetar e o pensar, entre a expressividade criadora da *poiésis*, o *lógos*, a *physis*, a *téchne* e a *mimesis* articulando-os como meditação que permite a redescoberta do sagrado. O resultado é a circunscrição de uma topologia do ser que, para Heidegger, é a própria poesia que pensa, ou seja, um poetar meditativo.

Seria este um dos motivos da mudança de estilo em seus textos, dotando-os de expressividade, assumindo outros gêneros discursivos, notadamente o poético. Não se trata de analisar poesias, mas de meditar poeticamente (Nunes, 2000). “... poeticamente o homem habita...” é título de outro texto famoso de Heidegger (2001), cujo sentido é expressivo desta maneira de poetar como pensamento. Em “A essência da linguagem”, texto dos anos 1950, Heidegger (2008, p. 125) reafirma tal ideia: “Na poesia também se pensa? Sem dúvida, [...], na verdade, se pensa sem ciência e sem filosofia.” O autor delinea, assim uma certa independência e ao mesmo tempo confluência (no pensar) de Poesia e Filosofia.



Mesmo que este e outros textos sejam muito conhecidos por tal estilo poético, a exemplo de “O caminho do campo”, de 1949 (Heidegger, 1969a) e “Serenidade”, de 1955 (Heidegger, 2004b), há um texto que difere dos demais, por sua apresentação em versos e aforismos: “Da experiência do Pensar” (“*Aus der Erfahrung des Denkens*”), original de 1947 (Heidegger, 1969b). Este compartilha com os textos citados a temática do pensamento como meditação poética, da verdade, da terra natal e da linguagem.

No entanto, além da radicalidade da composição, do pensamento como meditação poética, o texto traz a experiência (*Erfahrung*) para o centro da questão do pensar. Este é o ponto no qual este artigo se deterá. O argumento que procuro problematizar é de que a experiência figura, nesta época do pensamento de Heidegger, de maneira distinta daquela que aparecia na pré-viragem, em especial a partir da leitura que faz da “Fenomenologia do Espírito” de Hegel (“O conceito de experiência em Hegel”, de 1942), significando um componente importante para a topologia do ser do pensamento heideggeriano (Heidegger, 2012b). Esta ideia de experiência coaduna e, até certo ponto, sustenta o poetar como pensar, que se volta para a serenidade, a escuta e a radicalidade do deixar-ser. “Da experiência do pensar” traz a passividade própria ao pensamento que medita, por meio da experiência das coisas como experiência da linguagem.

2. “DA EXPERIÊNCIA DO PENSAR”

Da *Erleibnz* à *Erfahrung*, a concepção de experiência acompanha o pensamento heideggeriano, afastando-se de traços rejeitados pelo autor ligados ao vitalismo das filosofias da vida (presentes, em certa medida, ainda em Husserl) em direção a uma perspectiva mais disruptiva e completamente descolada de qualquer traço de uma filosofia da ação ou do sujeito (Jay, 2012).

O texto de discussão da Introdução da “Fenomenologia do Espírito” parece fundamental nesta mudança, no qual Heidegger (2012b) identifica a centralidade da experiência na leitura hegeliana da consciência, em uma equivalência com a própria fenomenologia, remetendo-se à presença do aparecer, no movimento dialético da sucessão de figuras que se mostram à consciência: experiência. É um estar-presente e, ao mesmo tempo, a caminho. Experiência, portanto, não estaria, para Heidegger, voltada ao vivido,



como a noção vitalista de vivência enfatiza, mas como estar junto a, como acontecimento, que transforma e redireciona.

Tal formulação será mais amplamente desdobrada nos textos dos anos 1950, como naqueles reunidos na obra “A caminho da linguagem” (Heidegger, 2008). Ali assume-se o caráter de experiência como uma entrega, algo que acomete o *Dasein*, não como uma ação, mas implicando um ser atropelado, ser atingido, transpassado: “fazer tem aqui o sentido de atravessar, sofrer, receber o que nos vem ao encontro, harmonizando-nos e sintonizando-nos com ele. É esse algo que se faz, que se envia, que se articula.”

Esta concepção de experiência remete à passividade, coadunando com um pensar meditativo da serenidade de deixar-ser, ou de se deixar-atingir. É neste sentido que Heidegger (2008, p. 123, destaques no original) afirma: “Nas experiências que fazemos **com** a linguagem, é a própria linguagem que vem à linguagem.”

“Da experiência do pensar” pode ser compreendido como um texto-poema que já carrega tal perspectiva, no qual Heidegger aproxima esta concepção de experiência à do pensar. No entanto, há mais um elemento importante nesta composição. Maria do Carmo Tavares de Miranda, tradutora do texto para o português, afirma que se trata de um “poema do pensar nas coisas da natureza e do próprio pensar”, como topologia do ser (Miranda, 1969, p. 15). A autora relaciona o texto “Caminho do campo” diretamente a “Da experiência do pensar”, buscando circunscrever um nexos entre o poeitar e a *physis*, algo bastante presente nas obras do autor na década seguinte (1950).

A atenção às mudanças da natureza, bem como suas faces próprias, no entanto, remete não para uma exterioridade, mas para a maneira como esta também, pela experiência, é pensamento. Nunes (2000) afirma que o texto-poema é uma experiência do pensamento (envolvendo também a *physis*) ou, como afirma Miranda (1969), um jogo entre *poiésis* e *Dichtung*, ou seja, o poeitar. A autora aponta que se trata de “Experiência do Ser e do pensar a partir da experiência das coisas” (Miranda, 1969, p. 17), meditando a partir das sugestões da *physis*.

Este jogo estrutura a composição, contendo aforismos que se referem à *physis* nas páginas pares e os versos ritmados e rimados nas páginas ímpares, como meditação.

As duas primeiras estrofes vêm na página ímpar, abrindo o texto-poema.

Caminho e balança,
Ponte e palavra



encontram-se em uma passagem.

Vai e toma sobre ti
Erro e pergunta
ao longo de tua única senda.

Heidegger (1969b, p. 29)

Nestes primeiros versos interpõem-se, segundo Nunes (2000), a conflitante experiência do pensamento. A seguir, inicia-se a dinâmica com os aforismos que se referem a acontecimentos, remetendo-se a uma temporalidade cíclica e circunstancial (apontando para mudanças e impermanências), a eventos que não possuem desfecho (os aforismos sempre terminam em reticências), mas que situam e permitem o pensar.

*Quando a luz da aurora cresce silenciosa
por sobre os montes...*

O obscurecimento do mundo não atinge nunca
a luz do Ser.

Nó chegamos demasiado tarde para
os deuses e demasiado cedo para o Ser. Deste,
o homem é poema começado.

Dirigir-se para uma estrela, apenas isto.

Pensar é a limitação a um pensamento que
em algum tempo
como uma estrela no céu do mundo
permanece fixo.

Heidegger (1969b, p. 30-31)

O primeiro aforismo tensiona luz-obscurecimento, algo recorrente na linguagem de Heidegger, em especial ao se referir à questão do Ser. Mas o “obscurecimento do mundo” (a era da técnica) não atinge o Ser. Vemos aqui referência à quadratura heideggeriana e à sua formulação em torno dos deuses, dos mortais, do céu e da terra, o que remete à condição do ser humano como poema começado, ou seja, uma obra inacabada. Deste inacabamento, cedo na aurora, o pensar encontra sua limitação.

*Quando o catavento canta diante da janela
da cabana
numa tempestade que se levanta...*

A coragem do pensar germina da
exigência do Ser, então surge a
linguagem do destino.

Desde que temos a coisa diante dos olhos



e no coração a atenção à palavra, o pensar é bem-sucedido.

Houvesse no pensar já antagonistas e não simples adversários, então a coisa do pensar seria mais favorável.

Heidegger (1969b, p. 32-33)

*Quando sob um céu chuvoso subitamente
rompe e desliza um raio de sol sobre o
sombrio
do prado...*

Nós nunca chegamos aos pensamentos. Eles vêm a nós.

É a hora conveniente para a conversação.

Isto nos dispõe para a meditação em comum.

Esta

nem considera o opinar contraditório, nem tolera o concordar condescendente. O pensar permanece firme ao vento da coisa.

De uma tal convivência talvez alguns surjam como companheiros no ofício do pensar. A fim de que inesperadamente um deles se torne mestre.

Heidegger (1969b, p. 34-35)

*Quando no verão precoce os narcisos
isolados
florescem ocultos na campina e a rosa dos
montes
brilha sob o bordo...*

A magnificência do simples.

Primeiro a forma atende à formação-vista, aparição.

contudo a forma repousa na forma-fundamento, poema.

Quem poderia, enquanto deseja evitar a tristeza,
insuflar em algum tempo o ânimo?

Heidegger (1969b, p. 36-37)

Nestes três conjuntos, o vento é percebido pelo movimento do catavento, que traz a chuva, a qual é interrompida pelo irromper do raio de sol, anunciando o verão e, com ele, o florescimento. Heidegger medita a maneira como o pensar exige coragem, não como ação, mas como germinação do próprio Ser. A linguagem do destino surge da atenção à palavra,



diante da coisa, não como a descrição de um objeto erudito (sistemizado), mas como coisa pensada, que emerge da experiência.

Após a chuva, o raio de sol rompe e desliza sobre a escuridão. É repentino, imediato, mas também passageiro. É assim o pensamento, que vem a nós, e por isso a conversação se coloca como meditação compartilhada e conflituosa. Apesar das oscilações, no entanto, o pensar permanece firme.

Heidegger elogia o simples, a passividade e a abertura aos acontecimentos. O poema, como forma-fundamento, vai além da vista, da mera aparição. Ela constitui um jogo, do qual o poema, como meditação, contempla e participa: tristeza, dor e conflito presenteiam de forma inesperada, como um irromper.

*Quando o vento, voltando-se bruscamente,
urra nas vigas da cabana e o tempo quer
tornar-se aborrecido...*

Três perigos ameaçam o pensar.

O bom perigo e por isso benfazejo é a
vizinhança
do poeta que canta.

O mau perigo e por isso mais agudo é o
pensar mesmo. Deve pensar contra si mesmo,
o que apenas raramente consegue.

O pior perigo e por isso confuso é o filosofar.

Heidegger (1969b, p. 38-39)

Tempo aborrecido seria o tédio? Ou a tensão de um vento na cabana com o urro do vento pelas suas frestas? Nesta tensão, o pensar é ameaçado por três tipos de perigos que, como afirma Miranda (1969), referem-se ao jogo terra-mundo (aquele mesmo que será tão profundamente meditado em “A origem da obra de arte”, Heidegger 2012c), na busca por fundamento (sem fundo) e, ao mesmo tempo, no embate com o esquecimento do ser. Este seria o “mau perigo”, que demanda um pensar contra si mesmo, como radicalidade do pensar. O “bom perigo”, da vizinhança, remete à entificação. Já o “pior perigo” reafirma o caráter metafísico do filosofar.

Estes perigos do poetar remetem à meditação de Heidegger (2004a) da poesia de Hölderlin, da qual retém o sentido de perigo associado à própria linguagem e como velamento e abertura, nos liames da verdade. Trata-se, como afirma Nunes (2000), de



reconhecer a força da palavra. Podemos ir mais longe: estaria aí a expressão radical da linguagem como casa do Ser.

*Quando em dia de verão a borboleta pousa
sobre a flor e, asas fechadas, se balança
com ela
no vento da campina...*

Toda coragem do coração é a ressonância ao
apelo do Ser,
Que reúne nosso pensar no jogo do mundo.

No pensar cada coisa torna-se solitária e lenta.

Na paciência prospera a magnanimidade.

Quem pensa profundamente, deve
profundamente errar.

Heidegger (1969b, p. 40-41)

A borboleta se balança com a flor, de asas fechadas, deixando-se levar pelo vento da campina. Heidegger compõe neste conjunto versos muito famosos, que remetem à paciência resultante da ressonância ao apelo do Ser. Ressoar não implica uma vocalização, mas a reverberação do pensar reunido no jogo do mundo. Trata-se de uma ressonância lenta, cuja promessa é a magnanimidade, mas não como uma inevitabilidade, pois “quem pensa profundamente, deve profundamente errar.”

Difícil não considerar a dimensão do erro, aqui mencionada pela segunda vez no texto-poema (a primeira foi na abertura, associado à pergunta), com os descaminhos políticos da associação de Heidegger com o regime nazista. No entanto, errar aqui, como nos lembra Ernildo Stein (2015, p. 28), não está relacionado a acerto, mas ao pensar.

Todos os livros de Heidegger estão atravessados por um uso do **pensar** como pensamento, gratidão, memória, meditação, e não no sentido de verdade e falsidade. Assim, **pensar** não é saber, nem apenas conhecer. **Pensar** vem ligado com *irren*, errar, no sentido de errância, um vagar, um ir e vir do ser ao ser-aí, um achar-se e perder-se na finitude, entre velamento e desvelamento, um deixar-se levar na compreensão e na interpretação. [...] *Pensar*, como **errar** (*irren*), é deixar aparecer os indícios, não os conceitos acabados, por isso indica o **vagar**, a **errância**.

Pensar como errância é, portanto, meditativo e paciente, pousando com as asas fechadas à disposição do vento da campina.

Quando a torrente da montanha na calma

O mais antigo do antigo vem ao nosso pensar



*da noite fala de suas quedas
sobre os rochedos...*

atrás de nós e apesar disso ao nosso encontro.

Por isso o pensar mantém-se aberto para
o que há de vir do que tem sido e é, e é
memorial.

Ser velho significa: parar em tempo lá,
onde o único pensamento de uma via de
pensar firmou-se em sua estrutura.

Podemos arriscar o passo que nos faz retornar
Da filosofia para o pensar do Ser, desde
Que nos sintamos familiar na origem do pensar.

Heidegger (1969b, p. 42-43)

*Quando nas noites de inverno as
tempestades de neve
sacodem a cabana e numa manhã a
paisagem é acalmada
em seu manto de neve...*

O dizer do pensar somente se acalmaria em sua
essência, quando ele se tornasse impotente de
dizer, o que deve ficar inexprimido.

Uma tal impotência arrastaria o pensar diante
da coisa.

Jamais e em nenhuma língua o pronunciado é
o dito.

Que exista um pensar em algum tempo e
repentinamente, qual o homem cujo espanto
poderia sondar isto?

Heidegger (1969b, p. 44-45)

*Quando dos declives do alto vale por onde
passam lentamente os rebanhos,
os chocalhos soam e ressoam...*

O caráter poiético do pensar é ainda oculto.

Onde ele se mostra, assemelha-se por muito
Tempo à utopia de um meio-poético
entendimento.

Mas o poeitar pensante é na verdade a
topologia do Ser.

Ela diz a este o lugar de sua essência.

Heidegger (1969b, p. 46-47)

Nestes três conjuntos, reforça-se a relação ambivalente com a temporalidade: de um
lado, o antigo vem a nós, como o pensar velho que nos faz chegar seu pensamento (primeiro
CADERNOS PET, V. 15 , N. 29 ISSN: 2176-5880



conjunto); de outro lado, é o pensar ainda oculto, aquele que ainda está por vir (terceiro conjunto). A passagem entre os dois é pela calma, pelo pensamento que assume sua impotência, sem “dito”, como o inexprimido.

Nos dois primeiros conjuntos, a *physis* está acalmada, ou ao menos tende à calma. No primeiro, é a torrente da montanha que fala na calma da noite, enquanto no segundo conjunto paisagem é acalmada pelo manto de neve após a tempestade. Já o terceiro conjunto, que remete ao oculto, ao não pensado como caráter poético, os chocalhos do rebanho soam e ressoam em seu caminhar lento pelo vale. Não há pressa, nem previsão para esta utopia da mostraçã: seria este um “meio-poético” de entendimento.

São nestes conjuntos que a topologia do Ser é colocada como poetar pensando, como lugar de sua essência. Como possibilidade e abertura, que se desloca da temporalidade para uma espacialidade topológica.

É neste sentido que Miranda (1969, p. 24) considera este pensar como um saber de re-união, ligado à serenidade, como pensar o simples, pelo qual “pode abrir-se a dimensão do sagrado”.

*Quando a luz do crepúsculo, irrompendo
em alguma
parte da floresta
doira os troncos...*

Cantar e pensar são os troncos vizinhos do
poetar

Eles crescem do Ser e alcançam sua verdade.

A sua relação dá a pensar o que Hölderlin
Canta das árvores da floresta:

“E desconhecidos uns aos outros eles ficam,
o tempo que eles permanecem em pé, os
troncos vizinhos.”

Heidegger (1969b, p. 48-49)

“Pensar e poetar têm dizeres diversos que se reúnem, entretanto no – Mesmo”, afirma Miranda (1969, p. 24), referindo-se a este último conjunto. Chegamos à luz do crepúsculo, que é também irrompimento, promovendo iluminação na escuridão. Os troncos e as árvores são evocadas como composição – floresta – em vigência. A vizinhança, como proximidade do cantar e do pensar se realizam que mesmo desconhecidos, compartilham tal condição enquanto ficaram em pé.



Florestas deitam-se
Riachos arrojam-se
Rochedos duram
Chuva desliza.

Planícies esperam
Fontes jorram
Ventos permanecem.
Fecundidade medita.

Heidegger (1969b, p. 51)

Heidegger encerra o texto-poema com duas estrofes nas quais assume a meditação pela *physis* cuja passividade e descanso nos possuem, finalmente, na doação da palavra como poética.

3. PENSAR É POETAR EXPERIENCIALMENTE?

“Do caminho do pensar”, como meditação, propõe uma leitura-meditativa como experiência com a linguagem. Esta não se encontra na Metafísica, mas se realiza como experiência do pensar profundo para o qual o poetar nos convoca, para além dos limites tradicionais da Poesia e da Filosofia.

A experiência “junto a” e “à espera de” atravessam este gesto heideggeriano de errância como pensamento. O tom é flagrantemente distinto das descrições fenomenológicas da analítica existencial de “Ser e tempo”, ainda mais radicalmente distinta das descrições da experiência vivida. O poético é deslocado do logocentrismo, como exercício que medita, ou seja, pensamento. O papel da experiência aqui é radical: é ser atravessado pelo convite a habitar a linguagem.

A topologia do Ser, como forma-fundamento poético não unifica, mas reúne. No conjunto de textos que compartilham a mesma tonalidade, “Da experiência do pensar” anuncia e coloca em vigor diferentes ideias e gestos que aparecerão em textos importantes de Heidegger na década seguinte, com uma vantagem: a potência do ainda oculto, aquilo que anuncia e que prepara o caminho, sem a pretensão de o pavimentar. Talvez a experiência de leitura deste texto-poema, como poema começado, poderia sugerir maneiras de experienciar o encontro com a linguagem heideggeriana pós-viragem. Poderia a leitura também compor a experiência do poetar?



REFERÊNCIAS

- HEIDEGGER, Martin. **O caminho do campo**. Trad. Ernildo Stein. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 1969a.
- HEIDEGGER, Martin. **Da experiência do pensar**. Trad. Maria do C. T. de Miranda. Porto Alegre: Globo, 1969b.
- HEIDEGGER, Martin. O fim da filosofia e a tarefa do pensamento. Trad. Ernildo Estein. In: **Heidegger**. São Paulo: Abril Cultural, 1999.
- HEIDEGGER, Martin. "... poeticamente o homem habita...". Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. In: HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. **Hinos de Hölderlin**. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa: Instituto Piaget, 2004a.
- HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. Trad. Maria M. Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 2004b.
- HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. (Trad. Marcia Sá Cavalcanti) 4ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Editora Vozes, 2012a.
- HEIDEGGER, Martin. O conceito de experiência em Hegel. In: HEIDEGGER, Martin. **Caminhos de Floresta**. Trad. Irene Borges-Duarte et. al. Lisboa: Gulbenkian, 2012b.
- HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. In: HEIDEGGER, Martin. **Caminhos de Floresta**. Trad. Irene Borges-Duarte et. al. Lisboa: Gulbenkian, 2012c.
- JAY, Martin. O mundo da vida e a experiência vivida. In: DREYFUS, Hubert L.; WRATHALL (Orgs.) **Fenomenologia e existencialismo**. Trad. Cecília Camargo Bartalotti; Luciana Pudenzi. São Paulo: Loyola, 2012.
- MIRANDA, Maria do C. T. Introduções. In: HEIDEGGER, Martin. **Da experiência do pensar**. Trad. Maria do C. T. de Miranda. Porto Alegre: Globo, 196a. p. 1-26.
- NUNES, Benedito. **Passagem para o poético: Filosofia e Poesia em Heidegger**. São Paulo: Ática, 1986.
- NUNES, Benedito. Heidegger e a poesia. **Natureza Humana**, v. 2, n.1, 2000.
- STEIN, Ernildo. **Pensar e errar: um ajuste com Heidegger**. 2. ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2015.
- WERLE, Marco A. **Poesia & pensamento em Hölderlin e Heidegger**. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.